

Notas sobre o Kléos na *Ilíada* e *Odisseia*

Notes on kléos in the iliad and odyssey

Notas sobre el kléos en la iliada y la odisea

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos ¹

Resumo: Este ensaio foi elaborado a partir da reflexão que enlaça a Literatura Clássica: Poesia Homérica, que tem como tema: a representação do kléos na *Ilíada* e *Odisseia*. Como suporte teórico foi utilizado três textos: “As relações entre retorno e glória na *Odisséia*” de Adriane da Silva Duarte, “A ambigüidade do kléos na *Odisséia*” de Christian Werner e “A bela morte e o cadáver ultrajado” de Jean-Pierre Vernant. Além desses, pesquisamos e selecionamos o artigo: “A identidade de Ulisses” de Trajano Vieira.

Palavras-chave: Literatura Clássica. *Odisseia*. Poesia.

Abstract: This essay was developed from the reflection that links Classical Literature: Homeric Poetry, which has as its theme: the representation of the kléos in the *Iliad* and *Odyssey*. As theoretical support we used three texts: "The relations between return and glory in the *Odyssey*" by Adriane da Silva Duarte, "The ambiguity of the kléos in the *Odyssey*" by Christian Werner, and "The beautiful death and the outraged corpse" by Jean-Pierre Vernant. Besides these, we researched and selected the article: "The identity of Ulysses" by Trajano Vieira.

Keywords: Classical Literature. *Odyssey*. Poetry.

Resumen: Este ensayo se desarrolló a partir de la reflexión que vincula Literatura Clásica: Poesía Homérica, que tiene como tema: la representación del kléos en la *Ilíada* y la *Odisea*. Se utilizaron tres textos como soporte teórico: "Las relaciones entre retorno y gloria en la *Odisea*" de Adriane da Silva Duarte, "La ambigüedad del kléos en la *Odisea*" de Christian Werner y "La bella muerte y el cadáver ultrajado" de Jean-Pierre Vernant. Además de estos, investigamos y seleccionamos el artículo: "A identidade de Ulisses" de Trajano Vieira.

Palabras clave: Literatura Clásica. *Odisea*. Poesía.

Recebido em: 13 de dez. de 2023

Aceito em: 6 de abr. de 2023

¹ Mestre em educação SBPC Sociedade Brasileira para o Progresso da São Paulo - SP E-mail: dpestanda@usp.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3941575427040698> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1861-0902>



As epopeias homéricas eram consideradas como cânone fixo, ao qual não era lícito acrescentar outras epopeias, de origem mais moderna. A *Ilíada* e a *Odisseia* eram usadas, nas escolas gregas, como livros didáticos; não da maneira como nós outros fazemos ler aos meninos algumas grandes obras de poesia para educar-lhes o gosto literário; mas sim da maneira como se aprende de cor um catecismo. Para os antigos, Homero não era uma obra literária, leitura obrigatória dos estudantes e objeto de discussão crítica entre os homens de letras. Na Antiguidade também, assim como nos tempos modernos, Homero era indiscutido: mas não como epopeia, e sim como Bíblia. Era um Código. Versos de Homero serviam para apoiar opiniões literárias, teses filosóficas, sentimentos religiosos, sentenças dos tribunais, moções políticas. (CARPEAUX, 2012, p. 6)

Sobre o tema proposto, optou-se por estruturar esta abordagem de modo a tratar da representação do *kléos* primeiro na *Ilíada* e depois na *Odisseia*. Através do **kléos**, a cultura é iluminada pela narrativa memorialística daquele que já não se faz presente; ela é a presentificação das personagens – que talvez já não estejam mais presentes em corpo, mas que serão reconhecidas por aqueles que, ao escutarem sua história, serão herdeiros de suas façanhas. Para finalizar esta reflexão, elaboro algumas considerações que procuram comparar as representações que cada obra faz do *kléos*.

Na *Ilíada*, Aquiles conhece seu destino, faz sua escolha. Ele nos diz que, “o termo da morte” poderia vir de duas maneiras: morrer em Tróia e ter renome imorredouro ou regressar para casa, ter vida longa, porém, ver seu nome perecer. Ele escolhe morrer em Tróia como herói e ter seu nome lembrado para sempre, o que lhe veta o *nóstos* mas lhe confere *kléos*.

Morrer novo, porém como um herói, cujos feitos em batalha serão para sempre cantados e, portanto, mantidos vivos na memória coletiva é a forma pela qual o guerreiro transcende a morte. Isso dá sentido à vida numa sociedade em que não existe a noção de vida pós-morte.

A escolha de Aquiles revela-nos, portanto, o grande tema da *Ilíada*: “as ações gloriosas dos heróis” (DUARTE, 2001, p. 90). No mundo iliádico *kléos* (glória) e *nóstos* (retorno) são excludentes. A glória perene ao herói vem de seus feitos heroicos e são eles que lhe permitem conquistar o *kléos* (DUARTE, 2001, p. 90).

O diálogo entre Sarpédon e Glauco, no Canto XII da *Ilíada*, permite-nos entender melhor a escolha de Aquiles e a representação do *kléos* na *Ilíada*. Começemos por analisar a questão formulada por Sarpédon a Glauco, a saber: “Glauco, por que razão nós dois somos os mais honrados com lugar de honra, carnes e taças repletas até a borda na Lícia, e todos nos miram como se fôssemos deuses?” (Canto XII, vv. 310ss).



A questão nos revela quais são as benesses que esses heróis recebem do povo da Lícia por causa do lugar social que ocupam. Eles são tratados como deuses porque são reis e por isso são aqueles que recebem as honras, têm acesso às boas comidas e bebidas, às melhores e maiores terras. Por causa disso, são eles que devem estar na linha de frente no campo de batalha, se assim não fosse, seriam reconhecidos como ignominiosos por seu povo. Essas honras e benesses, entretanto, dizem respeito àquilo que eles desfrutam em vida.

O diálogo segue e Sarpédon diz a Glauco:

Meu amigo, se tendo fugido desta guerra pudéssemos viver para sempre isentos de velhice e imortais, nem eu próprio combateria entre os dianteiros nem te mandaria a ti para a refrega glorificadora dos homens (Canto XII, vv. 322ss).

O que essas palavras nos revelam? A forma condicional presente no primeiro verso nos indica que, se Sarpédon pudesse encontrar outra forma de viver isento da velhice e de ser imortal, ele não estaria lutando.

Entretanto, o último verso nos revela que ele tem consciência de que a “refrega é glorificadora dos homens”. Se, unirmos essas duas dimensões temos que, a juventude e a vida eterna são desejos que povoam a mente do guerreiro, o qual tem consciência de que a guerra é a única forma de alcançá-los, pois se houvesse outra, ele consideraria sair da luta.

Sarpédon sabe que não há alternativa para se alcançar a glória e tem ciência que da morte “nenhum homem pode fugir ou escapar”, por isso conclama Glauco a avançar com ele para a guerra, para que eles possam, como guerreiros que são, receber o *kléos* ou dá-lo a quem os matar.

O diálogo dos dois guerreiros nos permite entender melhor a representação do *kléos* presente na *Iliada*. Morrer em batalha é a forma que eles têm de alcançar a juventude eterna e a imortalidade. A morte afasta a velhice e concede a oportunidade de o guerreiro ganhar à imortalidade, ou seja, ter seus feitos heroicos cantados pelos *aedos* para que a memória dos seus feitos e de sua existência sejam imortais.

Isto posto, tratemos agora da representação do *kléos* na Odisseia, poema que segundo um artigo de Trajano Vieira: “foi o único – e certamente o mais importante – poema grego que chegou até nós de uma rica tradição literária que narra a volta dos militares aqueus, depois da queda de Tróia. Esse gênero poético foi chamado de ‘nostos’, retorno” (VIEIRA, 1999, 55).



A Odisseia narra o retorno de Odisseu para Ítaca e não mais os fatos heroicos ocorridos na guerra. Para Adriane Duarte, essa obra faz dessa volta um “tema digno de epopeia” (DUARTE, 2001, p. 89), o que resulta numa espécie de contestação à visão presente na *Ilíada* que nega glória ao guerreiro que volta para casa ileso. A Odisseia, pelo contrário, faz desse retorno algo digno de ser imortalizado nos cantos dos *aedos*.

O retorno começa quando Odisseu recusa a proposta feita por Calipso que lhe oferece a vida eterna se ele ficasse ao seu lado, pois, para a autora:

Cabe à morte selar o destino do herói pois, sem ela, sua vida permanece inconclusa como um livro aberto, o que impede qualquer avaliação do seu percurso. **A ausência de honras e de monumentos fúnebres, marca de passagem pela terra, condena o homem ao anonimato, impossibilitando sua inclusão na memória coletiva, preservada no canto do *aedo*.** (DUARTE, 2001, p. 91, grifos meu).

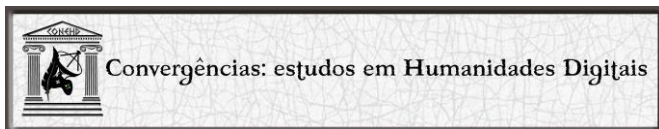
Para Duarte, optar pelo retorno é ir ao encontro da morte, seja enfrentando os perigos do mar, seja aceitando o envelhecimento. O retorno, portanto, na medida em que implica a possibilidade da morte acabaria por constituir-se numa via para se atingir a glória.

A representação do *kléos* na Odisseia não estaria mais pautada no ideal da bela morte da *Ilíada*, e sim numa nova fórmula que combinaria *kléos* e *nóstos*, onde a glória se afirmaria pelo retorno.

Nessa nova fórmula, o *kléos* de Odisseu virá não só de seus feitos heroicos na guerra de Tróia, mas também dos desafios de sua viagem de retorno e, por fim, por enfrentar e vencer todos os pretendentes de Penélope. O argumento da *Odisseia* para estabelecer essa nova maneira de atingir a glória inclui, ainda, a aparição de dois dos grandes heróis da *Ilíada*, a saber: Agamêmnon e Aquiles.

No diálogo que eles travam com Odisseu, quando esse os visita no Hades, fica evidente nas palavras de Aquiles que além de arrepender-se de ter escolhido a bela morte como meio para obter glória, preferia estar vivo mesmo que vivendo uma vida simples e miserável.

A nova representação do *kléos* proposta pela Odisseia faz com que Odisseu reelabore a combinação “astúcia” e “força”. Na guerra de Tróia, ele precisa dos dois elementos para poder se destacar como guerreiro, já na viagem de retorno, ele utiliza-se muito mais da primeira e é ela que lhe permite vencer a maioria dos desafios enfrentados. Para Duarte, é a



astúcia de Odisseu “que assegura a sua sobrevivência num mundo em que o código heróico [da *Ilíada*] não tem validade” (DUARTE, 2001, p. 94).

Ainda segundo Duarte, para Odisseu, o retorno é condição para alcançar a glória, mas ele não prescinde totalmente dos valores guerreiros iliádicos, uma vez que, para enfrentar os pretendentes de Penélope, ele recorre novamente à força, travando sua guerra particular e demonstrando todo seu ímpeto e habilidades guerreiras.

Duarte conclui seu texto afirmando que, ao “final da Odisséia, pode-se constatar que Odisseu, ao contrário de Aquiles, tem os dois: *métis* e *bié*, *nóstos* e *kléos*, tornando-se com isso o melhor dos aqueus” (DUARTE, 2001, p. 96). Sobre esse mesmo ponto, Christian Werner, afirma que a *Odisseia* estabeleceu um novo *kléos*, ou seja, a glória do retorno.

Para finalizar, percebe-se, pela leitura das duas obras de Homero: a *Ilíada* e a *Odisseia*, e ainda, dos autores que nos permitiram analisá-las, que podemos enxergar duas rerepresentações distintas do *kléos*. O da *Ilíada*, nos remete ao fato heroico e ao ideal da bela morte obtida em batalha, por isso, a guerra é o único caminho para que o guerreiro obtenha o *kléos*. A representação do *kléos* na *Odisseia*, mesmo não prescindindo totalmente do ato guerreiro, propõe que a glória pode ser obtida mesmo que o herói não tenha morrido num campo de batalha, pois, seu retorno cheio de desafios é digno de ser narrado pelos *aedos* e de conferir *kléos* àquele que os vencer, como foi o caso de Odisseu no seu retorno para Ítaca.

Referências bibliográficas

CARPEAUX, O. M. **História da literatura ocidental**. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 4 v. (Edições do Senado Federal; v. 107-A)

DUARTE, A. S. As relações entre retorno e glória na Odisséia. **Letras Clássicas**, nº 5, p. 89-97, 2001.

Vernant, J.-P. (1978). A bela morte e o cadáver ultrajado. **Discurso**, (9), 31-62. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.1978.37846>

VIEIRA, T. **A identidade de Ulisses**. Folha de São Paulo: São Paulo: 25/04/1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs25049910.htm>

WERNER, C. A ambigüidade do *kléos* na Odisséia. **Letras Clássicas**, n. 5, p. 99-108, 2001.